

# Ação e Invasão

## Action and Invasion

**Resumo:** O ensaio visual “Ação e Invasão” apresenta uma série de registros fotográficos interferidos por diagramas originados dos processos em Geoperformance, uma prática artística desenvolvida entre 2016 e 2019 em Porto Alegre, que tem como ponto de partida a ruptura com o plano simbólico, questão suscitada historicamente pela arte da performance.

**Palavras-chave:** Ensaio visual; Arte da performance; Geoperformance; Invasão.

**Abstract:** The visual essay “Action and Invasion” presents a series of photographic records which have been interfered with by diagrams originating from processes in Geoperformance, an artistic practice developed between 2016 and 2019 in Porto Alegre, which has as its starting point the rupture with the symbolic plane, a question historically raised by the art of performance.

**Keywords:** Visual essay; Performance art; Geoperformance; Invasion.

O ensaio visual *Ação e Invasão* reúne um conjunto de registros fotográficos alterados por diagramas, oriundos dos processos em Geoperformance. A geoperformance é uma prática artística criada entre os anos de 2016 e 2019, na cidade de Porto Alegre, que tem como base a arte da performance para produzir instâncias disruptivas, situações extra cotidianas, para além de uma crono temporalização, as quais podem nos levar “para regiões que o tempo e o espaço não regem”, citando Félix Guattari, ao comentar sobre a obra de Marcel Duchamp (Guattari, 2006, p. 129).

As práticas de geoperformance, como o prefixo *geo* pode nos sugerir, tem a sua versão específica de Terra, a qual está próxima da concepção de terra como entidade indiferente a nós humanos, de Isabelle Stengers (Stengers, 2015). Ou seja, ao invés da incessante atribuição de correlação harmoniosa entre subjetividade e exterioridade, o desprendimento terreno oferece uma zona de possibilidades a ser explorada pela via estética e política. A geoperformance, pode também projetar uma atitude cartográfica sobre a cidade, ou seja, sobre o complexo urbano, de modo a explorar através do corpo, espaços vistos como improdutivos pela arte convencional, ao buscar por espaços arruinados, povoados por escombros, ou, onde a sociabilidade entre humanos é marcada apenas pelo valor de troca. A invasão, como um gesto performático intrínseco a tais práticas, pode reposicionar a experiência sensível dos e das participantes com o espaço da metrópole.

Como ponto de partida, a geoperformance sugere que os planos de indiferenciação ocasionados durante os encontros através de suas práticas, assemelham-se com a quebra da dimensão simbólica que a arte da performance tem como contribuição ao mundo sensível, historicamente. A performance, quando orientada a produzir desfuncionalização entre sujeito e objeto, elabora uma especulação estética: a ação fora

da correlação pode desencadear, ao invés de espelhos humanos, fenomenicamente posicionados em suas caixas perceptivas, um *estranhamento despersonalizante* frente a situações, objetos e espaços físicos que não podemos nomear aprioristicamente. Para que? Para levar a um extremo a extração de dimensões de intensidades (Guattari, 2006, p. 114). Nesse sentido, a arte torna-se uma questão artificial, sintética, e menos interessada nos dados representados pela linguagem, podendo então, criar um novo estado de coisas, uma mudança de perspectiva que considere o que não é humano, portanto, não pertencente à subjetividade.

As práticas em geoperformance, levam em consideração também, processos de criação que tensionam a reiteração da autoria, buscando reforçar o *acaso* e o empilhamento aleatório de materiais, sons, superfícies palpáveis, enfatizando então uma desvinculação da ideia de personalidade atrelada ao ato criador. Por conseguinte, uma atmosfera de colaboração e estranhamento sensorial, auditivo e relacional entre participantes permeiam as ações. Nesse momento, a projeção de um gosto pessoal impresso nos gestos criativos, pode desfazer-se, gerando uma *afecção* coletiva estrangeira ao que antes compunha os afetos de cada performer.

O ensaio visual Ação e Invasão registra um momento nos encontros de geoperformance em que os e as participantes transportam esta carga de estranheza adquirida nos dias anteriores durante as práticas de criação, para um território da cidade, geralmente inóspito ao cotidiano. Esse momento, portanto, sugere uma ação de invasão, ocupação indevida de um território fora do comum. Terrenos abandonados, casas abandonadas, mas também lugares habitados, como estacionamentos para carros, farmácias e supermercados. A prática da invasão busca tentar articular o corpo como algo imediatamente abstrato e concreto, atento assim, aos processos incorpóreos (Massumi, 1995, p. 92), construindo uma correlação mais perigosa que a habitual, partindo, não da emoção

ou da subjetividade, mas da diagramação de um possível *inumano* nos espaços que ocupa, ao suspender temporariamente o tempo e a narrativa pré figurada daqueles territórios.

Desse modo, nas imagens selecionadas para a interferência, os diagramas visuais traçados, especulam dimensões imperceptíveis, traçando sobre a imagem, uma nova configuração espaço-temporal.

## REFERÊNCIAS

- MASSUMI, Brian. *The autonomy of affect*. Cultural Critique, Nº. 31, The Politics of Systems and Environments, Part II. Autumn, Canadá, 1995.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed 34, 2006.
- STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima*. São Paulo: Ed Cosac Naify, 2015.





Q31



03

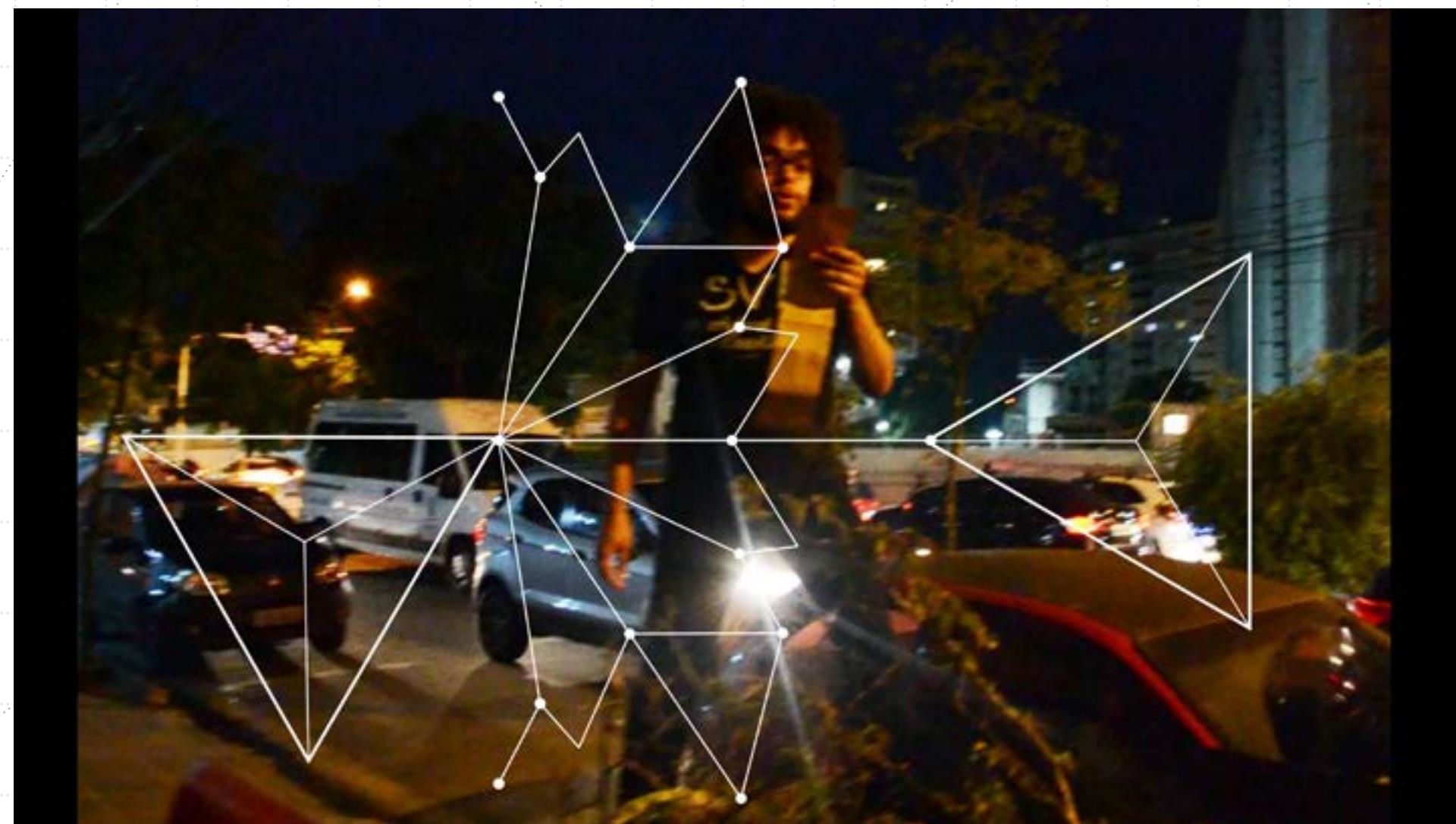
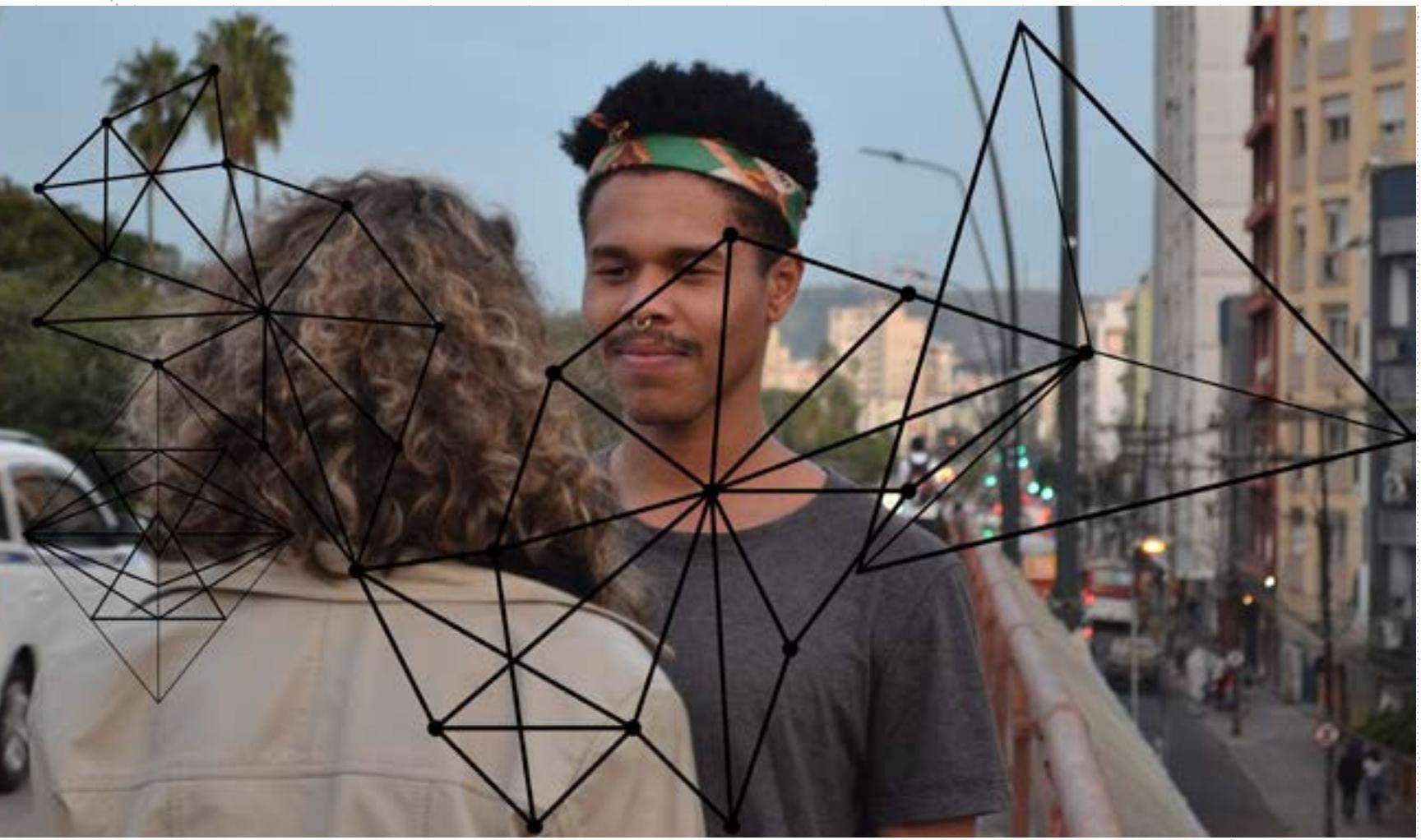
PARALELO31

ISSN: 2358-2529

edição 22 jun de 2024

Ali do Espírito Santo Oliveira

Ensaio visual recebido em 31 mar. 2024 e aprovado em 12 maio 2024



031

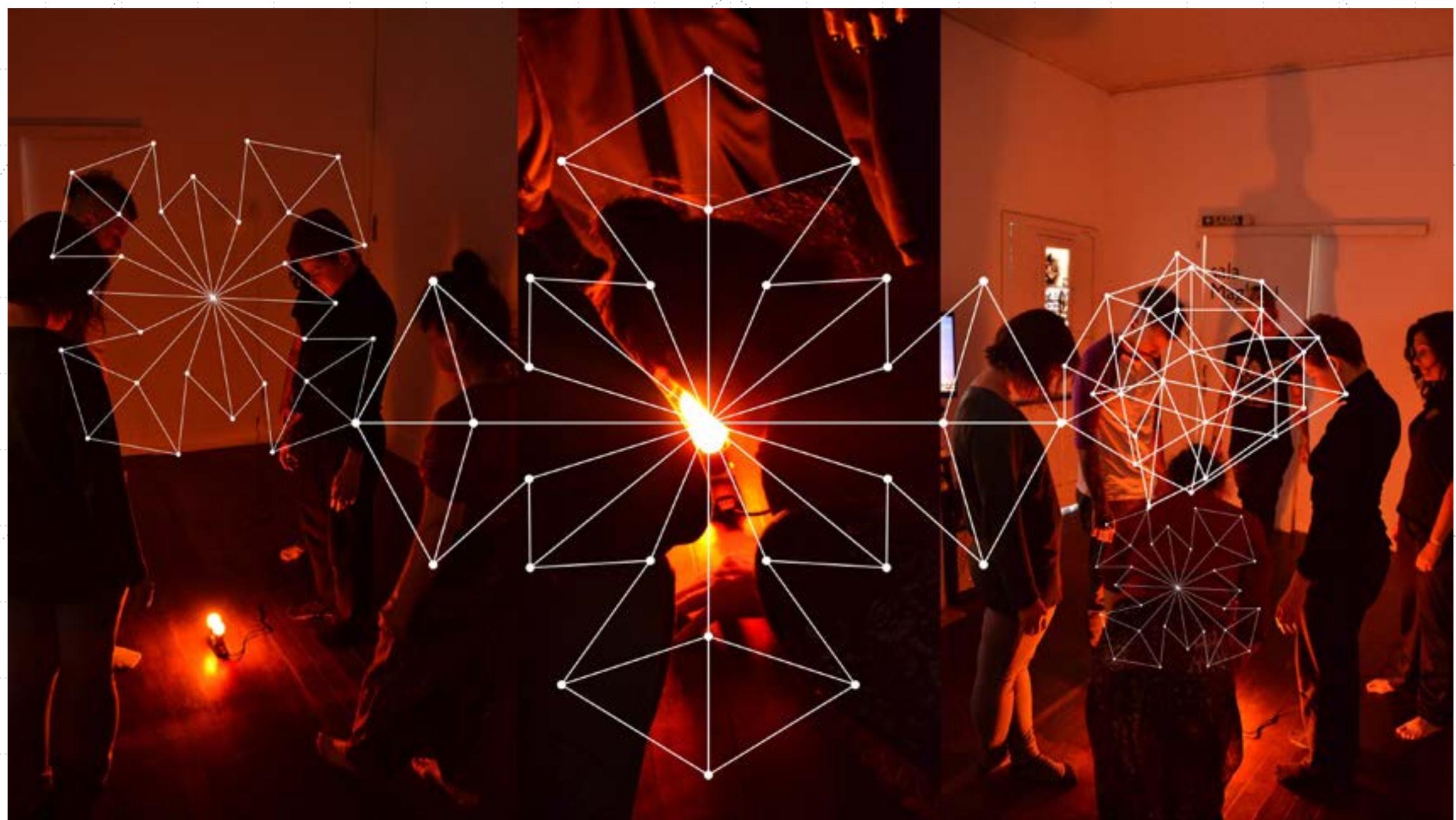
PARALELO31

ISSN: 2358-2529

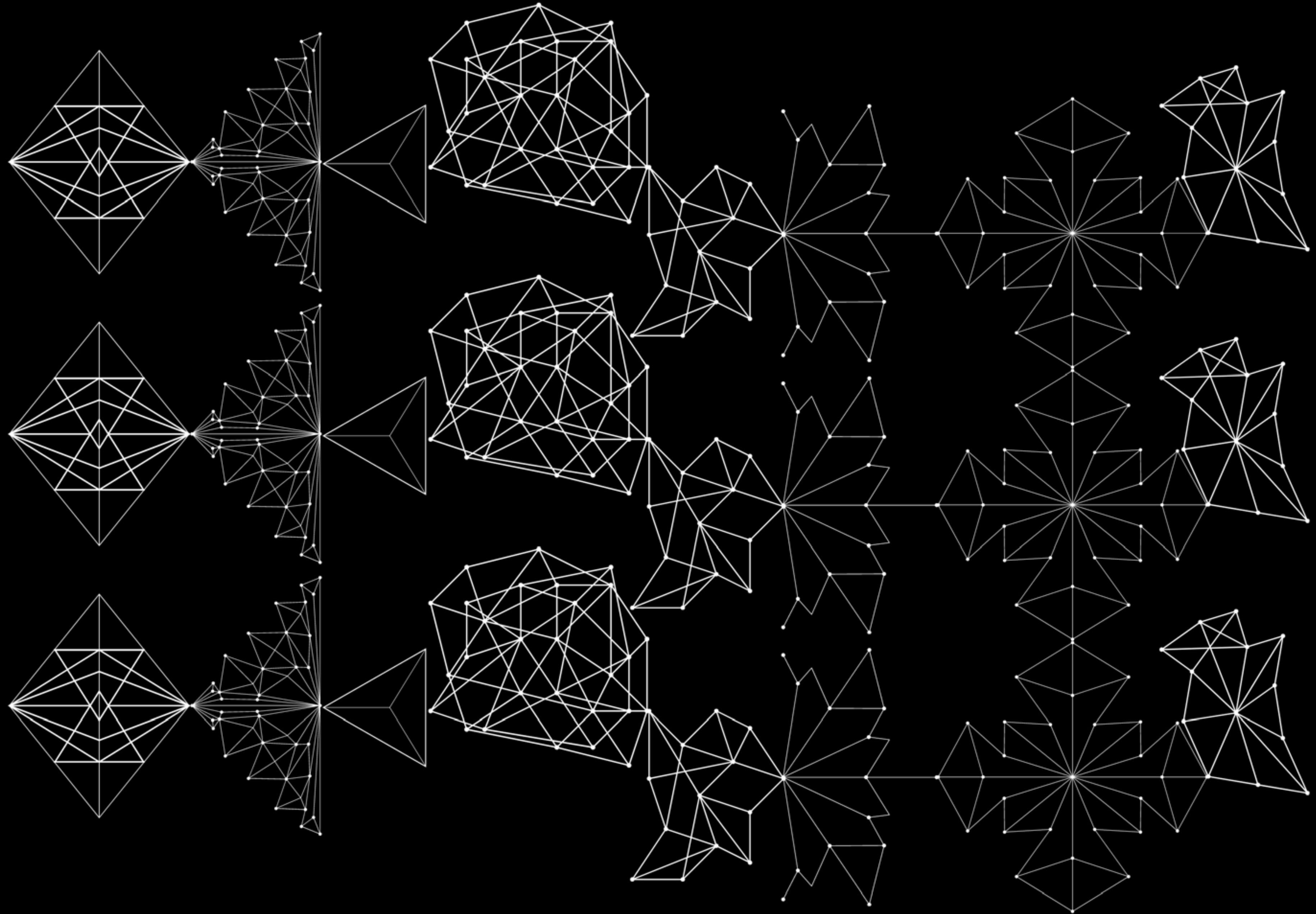
edição 22 jun de 2024

Ali do Espírito Santo Oliveira

Ensaio visual recebido em 31 mar. 2024 e aprovado em 12 maio 2024



Q31



### **Ali do Espírito Santo Oliveira**

É artista, professor e pesquisador, licenciado em Artes Visuais (UFRGS) e mestrado em Poéticas Visuais (PPGAV/UFRGS) na Linha de Pesquisa Desdobramentos da imagem. É mestre em Psicologia Social (PPGPSI/UFRGS) na Linha de Pesquisa Redes Sociotécnicas, Cognição e Comunicação (2022) e pesquisador vinculado ao grupo de pesquisa ARCOE (Arte, Corpo, EnSigno) Cnpq-UFRGS, e ao NUCOGS (Núcleo de Ecologias e Políticas Cognitivas) Cnpq-UFRGS. Pesquisador na interseção entre Artes Visuais, Performance-art, Geoperformance, Tecnologias, Educação, Cultura e Política. No mestrado em Psicologia Social teve como foco de pesquisa a construção da agência sistêmica, cibernetica e políticas de planificação econômica em escalas universais: xenofeminismo, aceleracionismos, neo-racionalismo e designs multimodais. Coordenou o grupo de extensão acadêmica Realismos Tentaculares, vinculado ao PPGPSI/UFRGS. Colabora para a revista virtual de arte contemporânea HIPOCAMPO (SP-Campinas, ISSN 2595-3273). Em Porto Alegre, realizou três exposições individuais entre 2016 e 2019 e vem participando nos últimos anos de coletivas. Desde 2016, faz parte do projeto de curadoria coletiva Casa Peirô, que em seus anos iniciais manteve uma sede física em Porto Alegre. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3829-9023>, [circo\\_mutante@yahoo.com.br](mailto:circo_mutante@yahoo.com.br)